

## A BALADA GOIANA COMO OBJETO DE ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

---

***Gilson Thiago de Castro Costa*** – Faculdade Araguaia – Unidade Bueno

***Livian Xavier da Silva*** – Faculdade Araguaia – Unidade Bueno

***Maylla Thayrine Ramalho Costa*** – Faculdade Araguaia – Unidade Bueno

***Polyane Gonçalves Martins*** – Faculdade Araguaia – Unidade Bueno

*RESUMO:* Este trabalho tem como objetivo apresentar a evolução da balada em Goiânia ao longo dos últimos anos, de forma a questionar alguns esterótipos construídos sobre os goianos. Para isso, foi feito um vídeo, mostrando como já foi a noite na cidade através de depoimentos, fotos e vídeos de antigamente. Através de testemunhos de pessoas que vivenciaram as baladas em Goiânia nos anos passados, podemos perceber a diferença entre as épocas, como eram as músicas, as roupas, a preparação para irem às festas e as opções de lazer que tinham, nos conhecidos Bailes, Discotecas, Forrós, Serestas, Danceterias. Retratamos também fotos e entrevistas de jovens que estão vivenciando as baladas atuais, buscando uma reflexão sobre a importância de questionarmos os esterótipos que os goianos têm. Para a elaboração dessa investigação, utilizamos a pesquisa bibliográfica e uma breve etnografia em bares e boates da cidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Esteréotipos, Cultura Goiana, Produção de vídeo.

*Artigo Original*

Recebido em: Out/2016

Publicado em: Dez/2016

*Publicação*

Sistema Integrado de Publicações

Eletrônicas da Faculdade Araguaia – SIPE

v.5 – 2016 – p. 07-15

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho focaliza as construções identitárias socioculturais da Goianidade. Iremos compreender a identidade do goiano e o porquê desses estereótipos. Para isso, é importante dizer que os estereótipos dizem respeito às generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. Significa uma impressão sólida e pode ser sobre a aparência, roupas, comportamento, cultura etc. Entendemos aqui como cultura um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização (LARAIA, 2009).

Várias representações identitárias de ordem negativa sobre o goiano emergiram ao longo dos anos. Hoje se tornou corriqueiro ouvir de pessoas de outros estados brasileiros e até mesmo dos goianos frases, piadas e provérbios de teor depreciativo e preconceituoso: “Errar uma vez é humano, duas é Goiano”; “Goiano é bobo, caipira, não sabem nem falar”; “Goiano só come pequi”; “Goiano é tão preguiçoso que até para cantar precisa ser em dupla”. A partir daí as representações culturais e estereótipos vão se formando. A primeira identidade social da pessoa lhe é conferida pelos demais. “Aprendemos a ser quem dizem que somos” (LAING, 1986, p. 90).

Observamos que as imagens de atraso foram interiorizadas, não apenas pelos habitantes vindos de outros estados, mas também por muitos

goianos moradores da região. E ao decorrer do nosso trabalho isso foi confirmado.

Todo mundo sabe o que é uma balada, e provavelmente já foi a uma. Contudo, as coisas não eram do jeito que estamos acostumados a ver hoje em dia. A fórmula básica ainda é a mesma – pessoas, música e luzes – mas muitas coisas mudaram. Então, como eram as baladas na época dos nossos avós? E dos nossos pais?

Foi-nos proposto um trabalho para apresentar sobre alguns estereótipos em relação à Cidade de Goiânia e aos Goianos em si. Trata-se da produção de um vídeo, que foi realizado seguindo um roteiro composto por nossas ideias acerca desse tema.

A princípio, nossa intenção era apresentar as baladas de Goiânia e sua evolução, através de fotos, vídeos e testemunhos com ao menos quatro pessoas – dois homens e duas mulheres – dando depoimentos de como eram as coisas em Goiânia há algumas décadas, como: músicas, roupas, baladas e como se preparavam para o fim de semana. Além disso, tivemos a intenção de buscar o testemunho de pessoas da atualidade, o que foi feito em portas de baladas, mostrando roupas, ambientes, como se preparam para o fim de semana, para mostrar que os tempos mudaram.

Nossa preocupação era quebrar com os estereótipos difundidos amplamente pela mídia que, segundo nosso ponto de vista, estacionou Goiás

no passado. Por conta disso, ainda há o preconceito em relação os goianos, uma imagem de que nossa cidade é uma roça asfaltada, e que só temos músicas sertanejas. Realizamos então, um breve vídeo composto por entrevistas, testemunhos, fotos, e músicas que representa nossa cultura.

## DESENVOLVIMENTO

A Cidade de Goiânia tem 83 anos de idade, a capital do Estado de Goiás, é apontada entre as cidades com melhor qualidade de vida do Brasil. A cidade compõe a rede metropolitana de Goiânia, formada por outras 17 cidades e um total de mais 2 milhões de habitantes. Uma cidade que cresce como metrópole, mas que consegue manter as tradições de cidade do interior em seus bairros residenciais e nos condomínios horizontais.

À noite, a cidade oferece várias opções de lazer, com seus bares (muitos com som ao vivo), um amplo cardápio com ênfase na culinária regional. Cinemas, boates, teatros, com circuito de shows que duram o ano todo, completam as inúmeras opções de lazer da capital goiana. Antes de ser inaugurado, o município de Goiânia era referido nos documentos oficiais como "futura capital", "nova capital" ou simplesmente "nova cidade", o que significa que o município permaneceu, no âmbito legal, inominado por dois anos. Em 2 de agosto de 1935, por força do disposto no artigo 1º do decreto estadual número 327, deu-se a denominação de Goiânia à nova capital.

Goiânia é uma cidade multirracial , fruto de intensa migração. O seu povoamento tem ligação íntima com o povoamento do interior do centro-oeste brasileiro, de forma gradual principalmente por migrantes atraídos do interior goiano, além de outras regiões de outros estados do Brasil.

Sobre os estereótipos de atraso em relação a Goiás, acreditamos que seja uma visão dos grandes centros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, não sendo algo específico de Goiás. Quando se fala em preconceito contra os goianos, os mais relatados pela população são: estereótipo de interiorano ou “roceiro”, o estigma causado pelo Césio 137 e a forma com que são tratados pelos brasilienses.

O surgimento do estereótipo do goiano pode remontar a meados do século XX. A causa provável seria o próprio contexto de evolução histórica e geográfica do Brasil. Enquanto a parte litorânea do País já gozava de um desenvolvimento urbanístico mais avançado, Goiás ainda era um Estado considerado longínquo e de difícil acesso. Assim, grande parte da população era rural, vivia em fazendas e pequenas vilas.

O conceito de estereótipo tende mais a referir-se à imagem mental simplificada e com poucos detalhes acerca de um grupo de pessoas que partilham certas qualidades características. Costuma ser usado com um sentido negativo ou pejorativo, Existem numerosos estereótipos regionais,

com uma visão que denigre as pessoas que venham de uma certa região geográfica. (FREIRE FILHO, 2014)

Em nosso trabalho, buscamos questionar, também a identidade cultural, a construção identitária de cada indivíduo em seu contexto cultural. A identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. (HALL, 2004) Goiânia é uma cidade rica em diversidade cultural e não é composta somente pelo cenário sertanejo. Ainda assim, o preconceito sobre a cidade e a música sertaneja é notório. As pessoas que não se agradam do gênero fazem de tudo para desmerecer nosso povo, simplesmente por se acharem mais cultos que os sertanejos. E o que queríamos passar é que houve uma mudança, evidenciada através das festas antigamente x atualmente. Hoje, a cidade é composta por diversos grupos culturais, com preferências também diversas. Como falar em uma única identidade para o goiano?

Realizamos entrevista com dois senhores, um homem e uma mulher, que nos contaram como eram as festas nas épocas deles, quanto tempo demoravam pra chegar e o quanto duravam o período das festas, suas locomoções para irem, como eram os estilos das roupas e dos cabelos e até mesmo os comportamentos. E logo em seguida procuramos buscar testemunhos e depoimentos de pessoas jovens para explicar como são as

festas de hoje em dia, bem como os comportamentos, as vestimentas e as músicas atuais.

Fugimos um pouco do roteiro e nosso trabalho saiu um pouco do proposto, que era mostrar como as pessoas têm uma visão errada dos goianos. Nosso grupo se deslocou a um barzinho da cidade chamado Tapera do Paim, onde iniciamos uma entrevista com grupo familiar composto por pai, mãe, duas filhas e um genro. Perguntamos aos pais como eram as baladas nas épocas em que eram jovens, e às filhas, como são as baladas hoje em dia. Foi abordado também com é saírem juntos em família nas noites em Goiânia, logo em seguida, fizemos uma entrevista em outra mesa composta por um grupo de jovens amigos. Os mesmos nos relataram como são os barzinhos em Goiânia, o que a cidade tem de melhor em questão de lazer noturno. O que é mais tocado nas baladas e o que eles curtem. Logo após, em outra entrevista com outro grupo de amigos, eles nos contaram onde gostam de sair para curtir as baladas na cidade e o que acham sobre as mesmas.

## CONCLUSÃO

Ainda hoje, os goianos são pegos lutando contra essa representação que lhe é atribuída. Compreender a identidade do goiano, esse ser do Cerrado, é uma forma de pensar melhor a ideia de um Brasil Central ou de uma

identidade de Centro-Oeste, unido, quem sabe, pela complexidade do sertão, pela possibilidade do Cerrado, ambiental e culturalmente falando.

Um fato bastante relevante foi o fato da própria mídia que estereotipou nossa cidade como atrasada, como na novela “Em Família”, exibida pela Rede Globo em 2014, por exemplo, em que a cidade e seus habitantes eram justamente representados através dos estereótipos aqui descritos. Os depoimentos, na época, a respeito dessa novela, em redes sociais e nos meios de comunicação, explicitavam a insatisfação com o estereótipo de “povo sertanejo” ou a relação com as famosas palavras atribuídas ao cantor Roberto Carlos de que a Capital do Estado seria uma “fazenda asfaltada”.

O preconceito geográfico é o que marca alguém pelo fato de pertencer ou advir de um território considerado de alguma forma como inferior. Concluimos, através de depoimentos de pessoas com mais idade, que mesmo sendo considerada uma roça asfaltada, a noite em Goiânia ainda assim era bastante diversa. Tendo em vista que naquela época havia mais segurança, havia também mais liberdade para os jovens saírem de casa com mais tranquilidade, o que hoje em dia não é mais possível devido ao grande índice de criminalidade na capital Goiana. Porém, este fato não impede que as pessoas saiam para se divertir em dias de semana, inclusive. Há bares que funcionam de segunda a segunda fazendo jus à expressão “Se não tem mar, vamos para o bar”. Expressão essa usada por um dos nossos entrevistados.



Tal entrevistado seguiu o próprio conceito de estereótipo, algo pejorativo e que causa impacto negativo nos outros. O mesmo criticou o fato de a capital ser reconhecida pelo sertanejo, ponto que também foi relatado por outros entrevistados, mostrando que até mesmo alguns Goianos tem o preconceito com a própria cultura sertaneja.

Esperamos assim que este trabalho contribua para formar um pensamento crítico-reflexivo sobre a identidade estigmatizada criada a partir desse estereótipo goiano. É preciso lembrar que a diversidade está presente em todos os lugares na sociedade e é preciso incentivar o valor delas. As discriminações podem e devem ser desconstruídas, assim como o reconhecimento das diferenças precisa ser tratado como um valor social.

## REFERÊNCIAS

FREIRE FILHO, João. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias.** ECO-PÓS – V.7, N. 2, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: 24. ed. Jorge Zahar Ed., 2009.